

VIRADA CIBERNÉTICA, VONTADE DE PODER E O SUPER-HOMEM¹

Homero Luís Alves de Lima
FACED - UFC

HEIDEGGER E A VIRADA CIBERNÉTICA

“Não é necessário ser profeta para reconhecer que as modernas ciências que estão se instalando serão, em breve, determinadas e dirigidas pela nova ciência básica que se chama *cibernética*” (Heidegger).

Já nos anos cinquenta, do século passado, Heidegger percebia que as ciências modernas (a física, principalmente) abordavam a natureza como “um sistema de informações”. O fundamental, dizia ele, é que elas expõem a natureza como um “sistema operativo e calculável de forças, que se pode operar previamente” (Heidegger, 2002: 25). Essa forma de se *dis-por* da natureza faz com que ela “forneça dados”, que se possa calcular, de modo a continuar sendo “um sistema *dis-ponível* de informações” (Idem: 26).

Aqui, podemos retomar o início da nossa exposição quando tematizamos o novo paradigma tecnológico cibernético-informacional, de matriz molecular-digital, que faz com que o vivente seja concebido um sistema de informações constituído de mensagens, fluxos de informação molecular-digital: “O que está no coração de toda coisa viva não é um fogo, nem uma centelha de vida. É informação, palavras, instruções (...) Se você quer entender a vida, não pense em um gel lodoso, palpitante e vibrante; pense em tecnologia de informação” (Richard Dawkins).

A partir da “virada cibernética”, observa Haraway (2000), as ciências da comunicação e as ciências da vida são construídas por uma operação comum - “a tradução do mundo em termos de um problema de codificação” (p. 70), em que os organismos vivos – inclusive o humano - passam a ser vistos como componentes bióticos, “tipos especiais de dispositivos de processamento de informação” (p. 73).

Na vontade cibernética, podemos dizer a partir de Heidegger, que “o ente é real enquanto operativo. Em toda parte, o operatividade (funcionalidade)” (p. 80). Isto é, somente uma função cibernética, uma vontade incondicional de controle, de ordenamento, de planificação, enfim, de “cálculo”.

Assim, nos parece que “uma estética de desaparecimento corporal” está inscrita na própria dinâmica da **tecnociência**, no processo de digitalização da vida que ela promove (esvaziamento da esfera da natureza, des-substancialização). Com a “explosão da ontologia do vivo” operada a partir da confluência da cibernética e da biologia molecular a vida passa a ser vista como resultante eventual de uma matriz informacional.

NIETZSCHE E O PÓS-HUMANISMO CIBERNÉTICO

Na Conferência *A Superação da Metafísica*, de Heidegger (2002) afirma que Nietzsche representa o acabamento da metafísica, sua consumação na era da técnica. “Compreende-se aqui o nome “técnica” de modo tão essencial que, em seu significado, chega a coincidir com a expressão – acabamento da metafísica” (p. 69). Técnica, no sentido essencial de “disponibilização planejadora e calculadora” (p. 71).

A partir da equação *Metafísica da subjetividade = metafísica da vontade de poder = razão calculadora = tecnologia*, Heidegger diz *pertencer sim* “a vontade de poder’ o

¹ O presente texto foi apresentado na mesa intitulada “Giros Epistemológicos na EF/CE”, proposta pelo GTT de Epistemologia do CBCE.

predomínio incondicional da razão calculadora e não a poeira e o caos de uma turva compulsão vital” (p. 70).

Vejamos, assim, algumas hipóteses, certamente embaraçosas, quando equacionamos a vontade de poder à vontade cibernética de controle do corpo e dos mecanismos da vida.

A tecnociência hoje, alicerçada no paradigma cibernético-informacional, molecular-digital, promove o esvaziamento da vida, sua radical des-substanciação, des-materialização. Inscrito na dinâmica da tecnologia contemporânea parece estar o imperativo do desaparecimento do corpo (digitalização da vida, “a vida como um sistema de informação”). Assim, perguntamos: Nietzsche pode inspirar uma estética de desaparecimento corporal? Nietzsche pode inspirar uma VONTADE DE POTÊNCIA CIBERNÉTICA DE DESAPARIÇÃO CORPORAL? A vontade de poder de Nietzsche pode ser alinhada à vontade de controle dos “devoradores da carne”? O super-homem de Nietzsche pode inspirar um pós-humano cibernético desincorporado e imortal?

Ora, eis aqui nosso embaraço: Nietzsche não é aquele que afirma a vida, as potências do corpo (“o corpo, a grande razão”), que clama pela “coragem da finitude”?

O fato é que a interpretação heideggeriana parecer autorizar a elaboração dessas hipóteses e que merecem uma investigação mais aprofundada.

NIETZSCHE E O “FIM DA METAFÍSICA”

Pode a filosofia de Nietzsche representar “o fim da metafísica”? Com a destruição nietzschiana da metafísica (a inversão do platonismo, o diagnóstico da morte de Deus, o fim dos valores transcendentais (Ser, Deus, Bem, Espírito, Alma, Verdade, Mundo supra-sensível, etc.) a metafísica teria chegado ao fim?

Em *O Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo)*, precisamente no tópico *A “razão” na filosofia*, Nietzsche, podemos ler: “os ‘conceitos mais elevados’, os mais universais e vazios (Ser, Deus, o Bem, a Verdade), a derradeira fumaça da realidade que evapora” (p. 27). Em outra passagem, podemos ler: “Heráclito sempre terá razão quanto ao fato de que o Ser é uma ficção vazia” (Nietzsche, 2000b, p. 26).

Assim, para Nietzsche, o Ser é um erro, ilusão, ficção vazia, “a derradeira fumaça da realidade que evapora”.

NIETZSCHE E A INVERSÃO DO PLATONISMO

Para Heidegger, Nietzsche inverte a metafísica platônica e promove o ente sensível, o mundo da vida e do devir, à posição do ente verdadeiro, e baixa o ser ao nível da pura ilusão, do erro, do que não tem qualquer efetividade. Mas, nesta inversão, Nietzsche continua determinado por aquilo que inverte, isto é, pela metafísica e pelo platonismo.

Na Conferência, intitulada *A Superação da Metafísica*, Heidegger (2002) assevera que:

“A reviravolta do platonismo, no sentido conferido por Nietzsche, de que o sensível passa a constituir o mundo verdadeiro e o supra-sensível o não verdadeiro, permanece teimosamente no interior da metafísica. Essa espécie de superação da metafísica, que Nietzsche tem em vista (...) não passa de um envolvimento definitivo com a metafísica” (p. 68). Ela, a metafísica, ainda persiste quando “a hierarquia platônica entre sensível e supra-sensível se inverte e então se experimenta o sensível mais essencial e mais amplamente num sentido que Nietzsche denomina *Dionisíaco*” (Heidegger, 2002, p.106).

Nietzsche concebe o **ser como um valor** na perspectiva da vontade de poder.

O fundamental, é que Nietzsche pensa o ser absolutamente no sentido platônico e metafísico – mesmo enquanto inversor do platonismo, mesmo enquanto antimetafísico. Senão vejamos.

Segundo Heidegger, Platão concebeu o Ser, como idéia. A idéia é modelo e, como tal, também normativa. O que será mais sugestivo do que se compreender, então, as Idéias de Platão no sentido de valores e interpretar o ser do ente a partir do valor?

Contudo, qual tenaz o pensamento do valor se consolidou no século 19, vê-se do fato do próprio Nietzsche, e justamente ele, haver pensado inteiramente dentro da perspectiva de uma “representação do valor”. O subtítulo de sua obra principal planejada, “Vontade de Potência”, diz “Tentativa de uma inversão (transvalorização) de todos os valores”. O livro terceiro da obra se intitula: “Tentativa de uma nova posição do valor” (Heidegger, 1999, p. 217).

Em *Assim Falou Zarathustra*, lê-se: “Resumidamente: a essência de uma coisa”, afirma Nietzsche, “é tão somente uma significação sobre a ‘coisa’. Ou, antes, o seu valer é propriamente o seu ser, o único ‘que é’ algo”.

“Resumidamente: a essência de uma coisa”, diz Nietzsche (1998), em *Assim Falou Zarathustra* “é tão somente uma significação sobre a ‘coisa’. Ou, antes, o seu valer é propriamente o seu ser, o único ‘que é’ algo”.

Para Nietzsche (2001), o homem é um “o animal avaliador”, é “aquele que avalia”. Em *A Genealogia da moral*, afirma: “O homem se designa como o ser que mede valores, que avalia e mede, o animal avaliador em si”.

A história da filosofia ou da metafísica, termo sinônimo para Heidegger, confunde-se em definitivo com a história da emergência lenta e progressiva “do pensar segundo valores”. Esta assimilação do ser ao valor, levada a cabo em várias etapas, culminando com Nietzsche, encerra a história da metafísica enquanto história do platonismo.

Na verdade, o desejo de **ultrapassagem da metafísica**, acaba por realizar a própria metafísica ao repeti-la. “A metafísica”, dirá Heidegger (2002: 61), “não se desfaz como se desfaz uma opinião. Não se pode deixá-la para trás como se faz com uma doutrina em que não mais se acredita ou defende”. Sendo assim, não podemos imaginar que podemos ficar “fora da metafísica”. Isso porque, “depois da superação, a metafísica não desaparece. Retorna transformada e permanece no poder como a diferença ainda vigente entre ser e ente” (Idem: 62).

Por fim, podemos dizer com Heidegger que sempre queremos voar no vácuo, mas sempre respiramos o ar impuro (e podre) da metafísica. O fato é que “ninguém consegue pular a própria sombra” (Heidegger, 1999, p.2118).

Em *Humano Demasiado Humano*, no aforismo 9 intitulado *Mundo Metafísico*, o próprio Nietzsche (2000a) parece reconhecer essa impossibilidade, qual seja, de uma posição fora da metafísica: “Olhamos todas as coisas com a cabeça humana, e é impossível cortar essa cabeça; mas permanece a questão de saber o que ainda existiria do mundo se ela fosse mesmo cortada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, quem é o super-homem de Nietzsche?

Heidegger numa Conferência de 1953, *Quem é o Zarathustra de Nietzsche?* chama a atenção para o seguinte:

No caso da palavra “super-homem”, precisamos de cara afastarmos-nos de todas as entonações falsas e provocadoras de confusão e de desvio que soam para a opinião habitual. Com o nome “super-homem”, Nietzsche precisamente não se refere à superdimensionalização do homem até hoje vigente. Ele também não pensa uma espécie de homem que descarta o humano e que faz da arbitrariedade nua e crua a lei da fúria titânica, a regra. Tomando, antes, a palavra em sentido literal, o super-homem é o homem que vai para além do homem até hoje vigente, tão-só e

sobretudo para trazer, e aí ratificar, este homem para a sua essência ainda por vir (Heidegger, 2002, p. 91).

“O super-homem de Nietzsche”, diz Blanchot (2007), “é aquele que unicamente conduz o homem a ser o que ele é: *o ser da superação*, em que se afirma a necessidade para ele de passar e de perecer nessa passagem” (p. 108).

Em todo caso, o pensamento do super-homem não se refere à superdimensionalização do homem até hoje vigente conduzido à extremidade de seu conhecimento pela ciência e tecnologia, mas significa o desaparecimento de algo que se teria chamado “homem”. Se, de fato, o homem desaparece, porque ele é aquele que tem como **essência o desaparecimento**². Assim, ele, o homem, só subsiste na medida em que ainda não começou”. (p.119). E cita Nietzsche: “A humanidade ainda não tem *um fim*. Mas... se a humanidade sofre por carecer de fim, na será porque ainda não existe humanidade?”.

Nietzsche em seu *Assim Falou Zarathustra*, ao abordar o tema da transição do homem para “além-do-homem”, “super-homem”, vale-se da célebre imagem da ponte. No Prólogo, diz ele:

“O homem é uma corda estendida entre o animal e o além-do-homem – uma corda sobre um abismo. É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar. O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: (...) é ser ele uma *transição* e um *ocaso*” (Nietzsche, 1998, p. 38).

Heidegger vale-se da imagem da ponte para mostrar que somos criaturas que podem construir pontes porque podemos vivenciar o espaço aberto, as distâncias e, sobretudo os abismos. Daí a vida significar, para o Dasein enquanto *ser-para-morte*: a capacidade de atravessar abismos e de preservar-se nessa transição.

O fato é que a ponte só cresce sob nossos pés à medida que nela andamos!

A ponte cobre o abismo. Na transição dos *mortais*, um olhar para o abismo debaixo da ponte nos expõe face ao *nada* sobre o qual nos balançamos.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice (2007), *A Conversa Infinita: experiência finita*. Tradução de João Moura Jr. São Paulo, Escuta.

HARAWAY, Donna (2000), “Manifesto Cyborg”. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, in: T. T. da Silva (org.), *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*, Belo Horizonte, Autêntica.

HEIDEGGER, Martin (2002), *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, Vozes.

_____. (1999), *Introdução à Metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

NIETZSCHE, Friedrich. (2000a), *Humano, Demasiado Humano – um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras.

_____. (2001), *Genealogia da Moral – uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras.

² “Amo aquele que quer criar para além de si e, deste modo, perece”. Nietzsche em *Assim Falou Zarathustra*.

_____. (2000b), *O Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo)*. Tradução de Marco Antonio Casa Grande. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

_____. (1998), *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e pra ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.